

Estudo bibliográfico sobre as definições dos principais tipos de arranjos empresariais**Bibliographic study on the definitions of the main types of business arrangements**

Recebimento dos originais: 11/06/2019

Aceitação para publicação: 10/07/2019

Aianna Rios Magalhães Vêras e Silva

Mestranda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Instituição que atua: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Endereço: Rua Bacharel Francisco Menezes de Melo, 89 - Capim Macio, Natal-RN, Brasil.

E-mail: aianna.rios@hotmail.com

Amanda Braga Marques

Engenharia de produção pela Universidade Federal Rural do Semiárido

Instituição que atua: Universidade Federal Rural do Semiárido

Endereço: Rua Alberto Bezerra, 129, bairro Vinght rosado, Mossoró-RN, Brasil.

E-mail: amanda_bmarques@hotmail.com

Cryslaine Cinthia Carvalho Nascimento

Mestranda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Instituição que atua: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Endereço: Avenida Odilon Gomes de Lima, 1892 - Capim Macio, Natal-RN, Brasil.

E-mail: cryslaine@ufrn.edu.br

Danylla Gabryella Reinaldo Batista

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Instituição que atua: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Endereço: Avenida Odilon Gomes de Lima, 1892 - AP: 103. Capim Macio, Natal-RN, Brasil.

E-mail: danylla_g@hotmail.com

Danyella Gessyca Reinaldo Batista

Mestranda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Instituição que atua: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Endereço: Avenida Odilon Gomes de Lima, 1892 - AP: 103. Capim Macio, Natal-RN, Brasil.

E-mail: danyella.gessyca@hotmail.com

João Isaque fortes Machado

Bacharel em engenharia civil pela Faculdade Santo Agostinho

Instituição que atua: Faculdade Santo Agostinho

Endereço: Avenida Pedro Freitas, Número 3227 – São Pedro, Teresina-Piauí, Brasil.

E-mail: joao_isaque@hotmail.com

Pamella Fortes Machado Soares Costa

Especialista em Saúde da Família pela Faculdade Novafapi

Instituição que atua: Faculdade Novafapi

Endereço: Avenida Pedro Freitas, Número 3227 – São Pedro, Teresina-Piauí, Brasil.

E-mail: pamella_fortes@hotmail.com

Paulo Ricardo Fernandes de Lima

Mestrando em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Instituição que atua: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Endereço: Rua Manoel freire, número 215 – Boa vista, Mossoró-RN, Brasil.

E-mail: paulo.fernandes@ufersa.edu.br

RESUMO

Devido a globalização as empresas estão cada vez mais em competitividade acirrada, se vendo frente a oportunidades e desafios. Essa competitividade é caracterizada por diversos fatores. Os Arranjos Empresariais se mostraram como uma ótima ferramenta para aumentar a competitividade das empresas. Dessa forma, o objetivo deste estudo é analisar os conceitos dos Os Arranjos Empresariais a fim de obter suas definições coletadas e analisadas, criando uma única definição para cada arranjo e analisando as características mais comuns entre os arranjos. Quanto ao tipo de pesquisa feita no trabalho, trata-se de uma pesquisa básica, descritiva e bibliográfica, na qual foram coletadas em livros, artigos, monografias, dissertações, teses, etc. várias definições sobre cada um dos tipos de Arranjo Empresarial em estudo. Com o objetivo de mostrar definições recentes, o estudo foi limitado à publicações e definições feitas entre os anos de 2006 e 2016. Os Arranjos Empresariais que tiveram suas definições coletadas e analisadas foram: Arranjo Produtivo Local (APL), Clusters, Redes de Empresas, Cooperativas, Cadeia Produtiva, Cadeia de Suprimentos, Condomínio Industrial e Consórcio Modular. A execução da pesquisa consistiu em três etapas: Elaboração de tabelas com 12 definições para cada um dos Arranjos; A criação de uma nova definição com base no que foi estudado; e a construção de Tabelas coloridas. Analisando os quadros presentes no trabalho, pode-se observar que para vários autores os Arranjos possuem definições parecidas, tendo algumas características em comum. Apesar de alguns autores possuírem uma definição bem própria e não ser tão semelhante aos outros.

Palavras-chave: Competitividade, Arranjo Empresarial, Pesquisa bibliográfica.

ABSTRACT

Due to globalization companies are increasingly in fierce competition, seeing themselves facing opportunities and challenges. This competitiveness is characterized by several factors. The Business Arrangements proved to be a great tool to increase the competitiveness of companies. Thus, the objective of this study is to analyze the concepts of The Business Arrangements in order to obtain their definitions collected and analyzed, creating a single definition for each arrangement and analyzing the most common characteristics among the arrangements. As for the type of research done in the work, it is a basic, descriptive and bibliographical research, in which they were collected in books, articles, monographs, dissertations, theses, etc. definitions of each type of Business Arrangement under study. In order to show recent definitions, the study was limited to publications and definitions made between 2006 and 2016. The Business Arrangements that had their definitions collected and analyzed were: Local Productive Arrangement (APL), Clusters, Business Networks, Cooperatives, Production Chain, Supply Chain, Industrial Condominium and Modular Consortium. The execution of the research consisted of three steps: Elaboration of tables with 12 definitions for each of the Arrangements; The creation of a new definition based on what has been studied; and the construction of colored Tables. Analyzing the tables present in the work, it can be observed that for several authors the Arrangements have similar definitions, having some characteristics in common. Although some authors have a definition of their own and not be so similar to others.

Key words: Competitiveness, Business Arrangement, Bibliographic research.

1 INTRODUÇÃO

Devido a globalização as empresas estão cada vez mais em competitividade acirrada, se vendo frente a oportunidades e desafios. Essa competitividade é caracterizada por diversos fatores, dentre os quais se destaca: a concorrência entre as empresas do mesmo ramo de atuação; os custos logísticos e de estocagem de materiais; a elevada carga tributária; e o excesso de burocracias e a legislação conservadora brasileira em relação às importações e exportações. Todos estes fatores somados ao mau gerenciamento de recursos limitam as ações das empresas e as tornam não competitivas sob a ótica do desenvolvimento e da qualidade de seus produtos e serviços.

De acordo com Gonçalves, Leite e Da Silva (2012). Alguns dos principais termos relacionados aos Arranjos Empresariais são: Arranjo Produtivo Local (APL), Clusters, Redes de Empresas, Cooperativas, Cadeia Produtiva ou Filière, Cadeia de Suprimentos ou Supply Chain, Condomínio Industrial e Consórcio Modular.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar os conceitos dos Os Arranjos Empresariais a fim de obter suas definições coletadas e analisadas, criando uma única definição para cada arranjo e analisando as características mais comuns entre os arranjos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL)

De acordo com Puga (2003) Apud Mascena, Figueiredo e Boaventura (2012), por não haver um padrão único de surgimento e desenvolvimento de arranjos, existe uma dificuldade em mapear os APLs, pois necessitam de pesquisas empíricas por que geralmente os estudos visam identificar a relação de empresas com outras instituições. Por isso, é usado como alternativa a identificação de concentração de empresas em determinada localidade, de um setor particular.

No Quadro 1, foram listadas 12 (doze) definições para Arranjo Produtivo Local (APL), pelo qual será criada uma definição baseada nos pontos em comum existentes entre as definições de cada autor.

Quadro 1 - Definições para Arranjo Produtivo Local (APL)

Autoria	Definições
Souza e Arica (2006)	Arranjos Produtivos Locais (APLs) são fundamentais para o estabelecimento de estratégias competitivas precisas, a superação de barreiras comerciais, a preservação de condições socioambientais satisfatórias e o direcionamento de novos investimentos.
Pereira, Freitas e Sampaio (2007)	Arranjo Produtivo Local (APL) pode ser definido como aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais tais como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.
BNDES (2008)	Arranjos Produtivos Locais, que podem ser definidos como uma concentração geográfica de empresas e instituições que se relacionam em um setor particular. Incluem, em geral, fornecedores especializados, universidades, associações de classe, instituições governamentais, e outras organizações que provêm educação, informação, conhecimento e/ou apoio técnico e entretenimento.
Fauni (2008)	Os Arranjos Produtivos Locais (APL) destacam-se por terem capacidade de elevar o desenvolvimento econômico de negócios preparando para a competitividade, através da aglomeração de empresas setorialmente especializadas, geograficamente próximas.
Mattos (2008)	Os Arranjos Produtivos Locais apresentam-se como uma política de promoção econômica, um instrumento de planejamento das ações de âmbito local, e sua atuação pretende complementar a capacidade técnica municipal para a gestão de políticas públicas – principalmente em governos locais com reduzida capacidade econômica e administrativa. Ao sucesso dos APL's se seguirá a valorização dos municípios envolvidos.
Vidigal, Vignandi e De Campos (2008)	Os APLs fundamentam-se em elementos como a proximidade geográfica entre as firmas, os quais estimulam um processo de interação local e vêm a viabilizar uma ampliação da eficiência produtiva e proporcionar um ambiente favorável à elevação da competitividade das empresas.
Martins, De Souza e Maia (2010)	Os Arranjos Produtivos Locais (APL) referem-se a uma forma de aglomeração produtiva de empresas produtoras que são favorecidas por políticas e ações dos poderes públicos e privadas, instituições de pesquisa e centros de tecnologia, e destacam-se por sua capacidade de geração de empregos.
Sugahara e Vergueiro (2011)	O arranjo produtivo Local (APL) é um conceito de redes de empresas baseada na concentração geográfica de integrantes de uma mesma cadeia produtiva, pois neste formato os integrantes podem explorar melhores vantagens típicas da economia de aglomeração, pelo qual podem ser citado o compartilhamento de infraestrutura e treinamentos.
Quant (2012)	Devido esse tipo de arranjo facilitar a aprendizagem e a inovação com coordenação implícita e explícita, merece um enfoque mais abrangente devido ao crescimento dos aglomerados de inovação.
Santos e Filho (2013)	Os Arranjos Produtivos Locais, portanto, promovem o aumento da produtividade das empresas, indicando-lhes a direção e o ritmo da inovação que sustentam o futuro crescimento da produtividade. Por estarem concentradas, as empresas criam um mercado de trabalho especializado, atraem fornecedores de diversos tipos e geram um ambiente de disseminação de tecnologias.
Santanae Marques (2014)	Um Arranjo Produtivo Local (APL) se caracteriza como uma concentração geográfica de empresas, principalmente micro, pequenas e médias, de um mesmo setor ou cadeia produtiva, as quais, sob uma estrutura de governança comum, cooperam entre si e com entidades públicas e privadas.
Sebrae (2014)	O Arranjo Produtivo Local é uma aglomeração de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

Fonte: Souza e Arica (2006); Pereira, Freitas e Sampaio (2007); BNDES (2008); Fauni (2008); Mattos (2008); Vidigal, VignandieDeCampos(2008);Martins,DeSouzaeMaia(2010);SugaharaeVergueiro(2011);Quant(2012);Santose Filho (2013); Santana e Marques (2014); Sebrae(2014)

2.2 CLUSTER

O Quadro 2 apresenta as 12 (doze) definições sobre Cluster.

Quadro 2 - Definições para Cluster

Autoria	Definições
Ana Cristina e Policarpo (2006)	Concentração espacial de atividades econômicas setorialmente especializadas que realizam intenso comércio entresi.
Romero (2006)	Pode ser entendido pelo conjunto de empresas, instituições e pessoas localizadas, fisicamente, em uma mesma região, que, de forma conjunta, beneficiam-se dos efeitos que os relacionamentos da proximidade permitem. Destacam-se as formas de combinação esinergia que oferecem o máximo aproveitamento de recursos e ativos existentes.
Cunha (2006)	Ação conjunta de um aglomerado de empresas vinculadas aos produtos turístico da região.
IEL (2006)	Aglomeraçãodeempresascomamesmaespecializaçãoprodutivaequeselocalizaemum mesmoespaço geográfico.
Alvarenga (2007)	Um conjunto de computadores convencionais agrupados fisicamente em um ambiente,ou simplesmente por computadoresdedicados.
Foguel e Filho (2007)	Aglomeración geográfica de empresas interconectadas desegmentosespecíficos e/ou correlatos
GerolamoI et al. (2008)	Uma massa crítica de empresas e instituições localizadas em uma mesma área geográfica e especializadas em um conjunto de atividades econômicas interdependentes.
Pitanga (2008)	É uma concentração de empresas que se comunicam por possuírem características semelhantes e coabitarem no mesmo local.
Inhanetal. (2013)	Uma localização geográfica com performance econômica diferenciada e determinada porum ambiente institucional, onde ocorre grande parte das operações produtivasde uma organização.
Teixeira et al. (2014)	Um meio para o alcance de competitividade pelo compartilhamento de conhecimentos entre os envolvidos e pelo estímulo à inovação.

Fonte: Ana Cristina e Policarpo (2006); Romero (2006); Cunha (2006); IEL (2006); Alvarenga (2007); Foguel e Filho (2007); GerolamoI et al. (2008); Pitanga (2008); Inhan et al. (2013); Teixeira et al. (2014), Bem, Giacomini e Waismann (2015); YoshimiTanaka, Drumond, Cristo3, Spedo e Pinto (2015)

2.3 REDE DEEMPRESAS

No Quadro 3, foram apresentadas 12 (doze) definições sobre Rede de Empresas.

Quadro 3 - Definições para Rede de Empresas

Autoria	Definições
Gerolamo (2007)	“O conceito de rede de empresas é a união ou entrelaçamento, formal ou informal de organismos (empresas), com o objetivo de promover troca de conhecimentos e informações. Esta, sem uma coordenação e região definida, no entanto que traga algum benefício para ambos os organismos. ”
Guerrini et al. (2007, p.117)	“Empresas em rede são conformações intraorganizacionais que se estruturam como desdobramento evolutivo da empresa multidivisional”.
hoffmann et al. (2007)	As redes de empresas apresentam certas características que lhes são particulares, em relação às empresas: relatividade nos papéis dos atores organizacionais; interação; interdependência; especialização; complementaridade; e competitividade entre redes.
Negrini et al. (2007)	Na formação de redes e alianças entre empresas, um elemento de suma importância para o desenvolvimento consiste também na cultura e estilo de gestão de cada empresa, pois a junção entre os vários elementos da rede poderá gerar ambiente de conflito, impossibilitando o convívio
Wittmann et al. (2008)	“O desenvolvimento de uma rede de cooperação embasa-se num processo gradual de formação que inclui a identificação dos parceiros, a aprovação e comprometimento dos envolvidos, a definição de objetivos, estabelecimento de um sistema de planejamento e controle, implementação e acompanhamento. ”
Verschoore e Balestrin (2008)	O propósito central das redes é reunir atributos que permitam uma adequação ao ambiente competitivo em uma única estrutura, sustentada por ações uniformizadas, porém descentralizadas que possibilite ganhos de escala sem perder a flexibilidade por partes das empresas associadas.
Bortolaso	“As redes de pequenas e médias economias têm podido construir vantagens que não são
Arieira	“Rede de empresas são arranjos desenvolvidos entre empresas individuais que se organizam
Cabral (2011)	“Entende-se que a estrutura de redes empresariais é uma evolução nas estruturas e nas relações entre as organizações, e especialmente em redes hierárquicas (como no caso da
Martins	“As redes de empresas acumulam uma grande quantidade e variedade de conhecimentos e
Silveira et al. (2012)	Partindo-se das empresas como nós fundamentais das redes, torna-se possível captar a conformação da estrutura a partir da análise das estratégias de relacionamento dessas empresas, as quais se refletem na formação de alianças estratégicas com outros agentes.

Fonte: Gerolamo (2007); Guerrini et al. (2007, p.117); hoffmann et al. (2007); Negrini, et al. (2007); Wittmann et al. (2008); Verschoore e Balestrin (2008); Bortolaso e Sellitto (2009); Arieira (2010); Cabral (2011); Martins (2012); Silveira et al. (2012); Gaspar et al. (2013)

2.4 CADEIAS PRODUTIVAS

No Quadro 4, foram listadas 12 (doze) definições para Cadeias Produtivas.

Quadro 4 - Definições para Cadeias Produtivas

Autoria	Definições
Souza e Pereira -2006	Refere-se a um conjunto de operações técnicas responsáveis pela transformação da matéria-prima em produto acabado seguido da distribuição e comercialização em uma sucessão linear de operações. Expressa um conjunto de ações econômicas que busca acrescentar valor em cada etapa garantida pela articulação das operações realizadas.
Batalha e Silva	Uma cadeia produtiva representa um conjunto de relações comerciais e financeiras que estabelecem, entre todos os estados de transformação, um fluxo de troca, situado de montante
Brenzan	A cadeia produtiva é um conjunto de etapas consecutivas pelas quais passam e vão sendo
Silva -2007	Cadeia Produtiva, ou o mesmo que supplychain, pode ser definida como um conjunto de elementos (“empresas” ou “sistemas”) que interagem em um processo produtivo para oferta de produtos ou serviços ao mercado consumidor.
Haga -2008	O conceito de cadeia produtiva é utilizado como um instrumento da visão sistêmica, e sua função específica é servir como parâmetro de caracterização dos segmentos e componentes dos setores de insumos pesquisados.
Silva,	As cadeias produtivas são importantes por articularem procedimentos que vão desde a
Lacay e Fayet -2010	Cadeia produtiva é o sistema constituído por atores e atividades inter-relacionadas em uma sucessão de operações de produção, transformação, comercialização e consumo em um determinado.
USIMIN AS (2010)	Conjunto formado por todas as ações e agentes interligados entre si (elos) que estão relacionados com a produção e distribuição de um bem ou serviço, desde a produção da matéria-prima até a comercialização do produto final.

Fonte: Souza e Pereira (2006); Batalha e Silva (2007); Brenzan (2007); Silva (2007); Silva (2007); Haga (2008); Silva, Rodrigues e Pinheiro (2009); USIMINAS (2010); CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (2011); ONG REPÓRTER BRASIL (2011); Sebrae (2011) e Gonçalves (2013)

2.5 CADEIAS DE SUPRIMENTOS

No Quadro 5 foram listadas 12 (doze) definições sobre Cadeia de Suprimentos.

Quadro 5 – Definições para Cadeia de Suprimentos

Autoria	Definições
Ballou (2006, p. 29)	“Um conjunto de atividades funcionais (transportes, controle de estoques, etc.) que se repetem inúmeras vezes ao longo do canal pelo qual matérias-primas vão sendo convertidas em produtos acabados, aos quais se agrega valor ao consumidor”.
Novaes (2007, p. 38)	“caminho que se estende desde as fontes de matéria-prima, passando pelas fábricas dos componentes, pela manufatura do produto, pelos distribuidores e chegando finalmente ao consumidor através do varejista”.
Rodrigues e Sellitto (2007)	Uma cadeia de suprimentos é um arranjo de organizações conectadas a jusante e a montante de uma empresa focal, que exerce a governança do arranjo em processos e atividades que produzem valor na forma de produtos e serviços requisitados pelo consumidor final.

Bandeira, Mello e Maçada (2009)	Os relacionamentos na cadeia de suprimentos são relações de risco, poder, liderança e cooperação entre compradores e fornecedores, buscando soluções ótimas para minimização de custos.
Consoli (2009)	Uma cadeia de suprimentos de sucesso relaciona integração entre as atividades internas das empresas, entre empresas e processos.
Simchi-Levi, Kaminsky e Simchi-Levi (2009)	“A Cadeia de Suprimentos é uma rede complexa de unidades de ampla distribuição geográfica que, em muitos casos, atinge o mundo inteiro”.
Casarotto Filho (2010)	1- A cadeia de suprimentos é uma rede comandada, via de regra, por uma empresa “mãe”, num processo <i>top down</i> , em que essa empresa “mãe” normalmente se responsabiliza pelos elos da cadeia que agregam maior valor, ou que estão mais aos extremos da cadeia de valor geral.
Chistofer (2010)	A cadeia de suprimento é uma rede de organizações envolvida por meio dos vínculos a montante e a jusante, nos diferentes processos e atividades que produzem valor na forma de produtos e serviços destinados ao consumidor final, ele também salienta que gerenciamento da cadeia de suprimento não é “integração vertical”.
Guarnieri e Hatakeyama (2010)	2- A cadeia de suprimentos integra os processos internos da empresa com fornecedores externos e clientes com propósitos e procedimentos definidos e consistentes, trazendo vantagem competitiva para as empresas, tornando-as sustentável e mais difícil de ser copiada e ultrapassada pelos concorrentes.
Mattos (2011)	A cadeia de suprimentos é composta por cinco segmentos: fornecedores, fabricantes, distribuidores, varejistas e consumidores.
Santos e Forcellini (2011)	Tradicionalmente, o conceito de cadeia de suprimentos se refere ao fluxo de transformação dos produtos, desde estágio de matéria-prima até a entrega ao usuário final, focando-se principalmente no fluxo de material.
Buller (2012, p. 51)	“Uma definição mais clara de cadeia de suprimentos é a de integração dos processos de negócios desde o consumidor final até o fornecedor primário, sendo a logística parte dos processos da cadeia que liga clientes e fornecedores”.

Fonte: Ballou (2006a, p. 29); Novaes (2007, p. 38); Rodrigues e Sellitto (2007); Bandeira, Mello e Maçada (2009); Consoli (2009); Simchi-Levi, Kaminsky e Simchi-Levi (2009); Casarotto Filho (2010); Chistofer (2010);

Guarnieri e Hatakeyama (2010); Mattos (2011); Santos e Forcellini (2011); Buller (2012, p. 51).

2.6 COOPERATIVAS

O Quadro 6 foram apresentadas as 12 (doze) definições sobre cooperativas.

Quadro 6 – Definições para Cooperativas

Autoria	Definições
Aparecida e Floriano (2006)	Um modo de organizar e administrar a produção, através da divisão social do trabalho e da autogestão, somando esforços para adquirir e utilizar ferramentas, máquinas, sementes matrizes de animais para a produção coletiva.

Staduto <i>et al.</i> (2006)	É um meio pelo qual os trabalhadores rurais se organizam e gerenciam suas forças com maior poder de barganha no mercado, para alcançar melhores condições de trabalho, particularmente em situações em que eles se encontram desprovidos total ou parcialmente de direitos trabalhistas.
Santos <i>et al.</i> (2007)	Uma associação autônoma de pessoas que se unem voluntariamente por um objetivo.
Marchese e (2007)	Cooperativa é uma associação de pessoas com interesses comuns, organizada economicamente e de forma democrática, com participação livre de todos que têm idênticas necessidades e interesses, com igualdade de deveres e direitos para execução de quaisquer atividades, operações ou serviços.
Strieder (2008)	Sociedade de pessoas que têm por objetivo a organização de esforços em comum para a consecução de determinado fim.
Lima (2012)	São empresas constituídas a partir da vontade e necessidade de um grupo de pessoas autônomas em disponibilizar as suas produtos e serviços, de forma mais eficiente, para o mercado consumidor
Sousa <i>et al.</i> (2014)	1- São formas organizacionais específicas que combinam objetivos empresariais e sociais articulados conjuntamente

Fonte: Aparecida e Floriano (2006); Staduto *et al.* (2006); Santos *et al.* (2007); Marchese (2007); Strieder (2008); Lima (2012); Sousa *et al.* (2014); Costa *et al.* (2015); Schuntzemberger *et al.* (2015); Aguiar (2016); Akahoshi e Binotto (2016); Bialoskorski Neto (2016)

2.7 CONSÓRCIO MODULAR

No Quadro 7 foram listadas 12 (doze) definições de Consórcio Modular

Quadro 7 - Definições para Consórcio Modular

Autoria	Definições
Castro (2006)	O Consórcio Modular busca redução nos custos de produção, investimento, estoques e tempo de produção. E conferem maior qualidade ao produto final.
Kubo, Silva e Lima	O conceito de consórcio modular tem como base a ideia de fornecedores como parceiros e visa minimizar os custos fixos e variáveis. Esses parceiros são responsáveis por parte do investimento da nova planta, compartilhando os riscos do empreendimento.
Monteiro (2006)	Trata-se de um condomínio industrial “levado ao extremo”. No consórcio, o fornecedor localiza-se dentro da planta da montadora, e realiza não só a entrega de seu sub-conjunto como também a montagem do produto final.
Rachidet al (2006)	O Consórcio Modular pode ser entendido como uma radicalização da terceirização.
Bueno,	Esse sistema consiste em uma parceria entre empresa e fornecedores. Nessa parceria, os
Button (2)	Neste conceito diversos parceiros interagem de forma a executarem todas as operações
Guerrini (2007)	Consórcio modular é uma rede burocrática, ou seja, com bases formais, assimétrica (estabelecida a partir da unidade produtiva), vertical (compartilhamento de atividades da
Magalhães	É caracterizado pela horizontalização em níveis crescentes da produção de partes do produto

	O Consórcio Modular é uma forma radical de outsourcing, constituindo-se na transferência de diversas atividades, que, antes, faziam parte das atribuições da empresa, entre estas e seus fornecedores. Pode-se supor que, caso a experiência continue se mostrando bem sucedida como parece ser, poderá, no futuro, tornar-se um novo paradigma do modelo de organização da produção e da organização do trabalho em diversos setores da economia mundial.
--	--

Fonte: Castro (2006); Kubo, Silva e Lima (2006); Monteiro (2006); Rachid et al (2006); Bueno, Vendrametto e Alisancic (2007); Button (2007); Guerrini (2007); Magalhães (2007); Resende et al. (2008); Martins e Laugen (2011); Costa (2013) e Décio (2016).

Observa-se que as definições de Consórcio Modular são bastante parecidas e possuem vários pontos em comum.

2.8 CONDOMÍNIO INDUSTRIAL

O Quadro 8 a seguir apresenta a definição de 12 autores a respeito de Condomínio Industrial.

Quadro 8- Definições para Condomínio Industrial

Autor	Definições
Pires Cardo (2007)	Um pequeno conjunto de fornecedores diretos da montadora, chamados de sistemistas, está instalado majoritariamente dentro dos muros que delimitam sua planta e participa da divisão dos custos de infraestrutura da planta. Esses fornecedores abastecem a montadora, geralmente com sistemas em base de just-in-sequence, diretamente ao lado da linha de montagem, mas não participam da linha de montagem final do veículo, a qual permanece a cargo da montadora.
Franc (2009)	“O condomínio industrial é configurado quando as montadoras reúnem, ao redor de sua fábrica, seus principais fornecedores, definindo partes ou módulos a serem produzidos e estipulando que eles construam plantas dedicadas. Atuando no mesmo sítio – e muitas vezes na mesma edificação –, montadoras e fornecedores constroem relações de dependência mútua, numa espécie de rede hierarquizada, na qual a montadora detém o domínio da estratégia de desenvolvimento e operação da planta.”
Guarni Hatake e Resen (2009)	É uma aplicação um pouco menos radical que o modelo de Consórcio Modular, os fornecedores abastecem a montadora não mais com peças e sim com módulos ou sistemas, porém a montagem final dos produtos permanece a cargo da montadora. Dentro do condomínio industrial as empresas compartilham responsabilidades e os custos envolvidos no processo de produção.
Pires Marqu (2009)	Uma infra-estrutura empresarial onde os fornecedores primários de uma montadora se localizam ao redor da linha de produção desta, reduzindo seus custos e compartilhando as estruturas comuns com os demais fornecedores, por exemplo, dividindo refeitório, RH, segurança e medicina do trabalho e outros.
Pires Sacom Neto (2010)	“Um pequeno conjunto de fornecedores diretos da montadora, chamados de sistemistas, instalados dentro dos muros que delimitam sua planta e participam da divisão dos custos da infraestrutura da planta. Esses fornecedores abastecem a montadora, diretamente ao lado da linha de montagem, mas não participam da linha de montagem final do produto, a qual permanece a cargo da montadora. Para melhorar o negócio, na maioria dos casos, a montadora não exige necessariamente que

	recursos dos sistematistas sejam dedicados somente ao seu abastecimento. Isso garante sistematista maior flexibilidade e menor dependência da montadora de que no caso Consórcio Modular.”
Venanzi e Silva (2010)	“ O conceito básico de uma fábrica de automóveis é a de uma empresa com uma série de operações industriais, construindo componentes ou comprando-os de terceiros, estocando-os, de forma a alimentar um processo de montagem, sendo agrupados, individualmente ou em conjuntos, a uma estrutura central, que ao final, completo, se transforma em um veículo. Este trabalho é realizado naturalmente, por operários da empresa. ”
Lencioni (2011)	“ É a condição jurídica que assume a propriedade imobiliária que abriga a produção industrial, por nela está contido (na propriedade condominial) o conceito de quota-parte da propriedade ou de fração ideal da propriedade daterra”
Finatti (2011)	“No condomínio industrial, fornecedores de primeiro nível constroem instalações próximas às plantas da montadora, em alguns casos no mesmo terreno, de onde partem entregas de componentes ou subconjuntos em esquema just in time ou just in time sequenciado.
Mendes (2014)	Os condomínios industriais ou empresariais geralmente estão instalados em territórios considerados inteligentes ou em meios inovadores, compreendendo um parque de fornecedores diretos, comércio e serviços implantados num mesmo espaço. A existência de fornecedores e de outras atividades de apoio, atraem novos investimentos e empreendimentos.
Bassani (2015)	“Condomínios industriais, vistos como uma ampliação das estratégias de produção imobiliária e reestruturação imobiliária, apresentem-se como uma expressão territorial do atual processo de urbanização de nossas cidades, demarcando o papel cada vez mais privativo e fragmentado do espaço... Os condomínios industriais possuem características semelhantes aos condomínios residenciais, contudo abrigam em seu interior atividades industriais, também, outras funções, como logística, transporte e armazenamento.”
Carnevali et al. (2015)	A divisão dos veículos em módulos permite que as empresas transfiram parte das atividades de projeto, fabricação e montagens para seus fornecedores que, no caso do condomínio industrial, são exclusivos. Isto gera uma intensa dependência entre as empresas dificultando a troca de um fornecedor quando necessário, o que tem que ser considerado antes da aplicação da modularidade.
Silva (2015)	O distrito industrial pode ser definido como espaço geográfico delimitado e povoado pelas indústrias. A criação de distrito industrial é iniciativa do poder público que destina áreas, no seu território, para indústrias. O intuito da empreitada é trazer maior dinamização para a economia local, bem como gerar mais postos de emprego para a população.

Fonte: Pires e Cardoza (2007); Franco (2009); Guarnieri, Hatakeyama e Resende (2009); Pires e Marques (2009); Pires e Sacomano Neto (2010); Venanzi e Silva (2010); Lencioni (2011); Finatti (2011); Bassani, (2015); Mendes (2014); Carnevali et al. (2015); Silva (2015).

3 Metodologia

Quanto ao tipo de pesquisa feita no trabalho, trata-se de uma pesquisa básica, descritiva e bibliográfica, na qual foram coletadas em livros, artigos, monografias, dissertações, teses, etc. várias definições sobre cada um dos tipos de Arranjo Empresarial em estudo. Com o objetivo de mostrar definições recentes, o estudo foi limitado à publicações e definições feitas entre os anos de 2006 e 2016. Os Arranjos Empresariais que tiveram suas definições coletadas e analisadas foram: Arranjo Produtivo Local (APL), Clusters, Redes de Empresas, Cooperativas, Cadeia Produtiva, Cadeia de

Suprimentos, Condomínio Industrial e Consórcio Modular. A execução da pesquisa consistiu em três etapas: Elaboração de tabelas com 12 definições para cada um dos Arranjos; A criação de uma nova definição com base no que foi estudado; e a construção de Tabelas coloridas.

Onde as tabelas com as 12 definições estão expostas com os autores, o ano de publicação e a sua respectiva definição, contando com 8 tabelas, uma para cada tipo de Arranjo estudado. De acordo com as definições encontradas, foram criadas 8 novas definições, sendo uma para cada um dos Arranjos. Os quadros coloridos possuem as principais características diagnosticadas, apresentadas como palavras ou expressões que representam as definições dos Arranjos, onde no eixo vertical estão dispostas as características diagnosticadas e no eixo horizontal estão os autores das definições, de acordo com a numeração correspondente na legenda. No cruzamento de uma característica encontrada em uma determinada definição, o espaço foi pintado com a cor que representa o Arranjo representado lá.

4 RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DA SUMARIZAÇÃO DAS DEFINIÇÕES APRESENTADAS

Com a apresentação das 12 definições para cada um dos tipos de Arranjos, o Quadro 9 expõe as principais características das definições, usando expressões e palavras-chave que apareceram com maior frequência nas definições apresentadas nos quadros anteriores. De maneira visual, no eixo vertical estão as características analisadas, enquanto que na horizontal estão os autores das definições, numerados em ordem cronológica e alfabética. No quadradinho que uma característica cruza com o autor, o espaço é pintado com a cor correspondente ao tipo de Arranjo definido por aquele autor e com a determinada característica.

Quadro 9 - Sumarização das Definições Apresentadas: Cadeias de Suprimentos, Cooperativas, Consórcio Modular e Condomínio Industrial

Características	Autores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Ciclo de construção ou compra de componentes																									
Colisão de interesses																									
Compartilham responsabilidades e os custos envolvidos																									
Compartilhamento de riscos																									
Conjunto de atividades																									
Dependência entre as empresas																									
Empresa formada por uma associação de pessoas																									
Esquema just in time ou just in time sequenciado																									
Formas organizacionais específicas																									
Integração de processos																									
Intermediação de mercado																									
Maior poder de barganha de mercado																									
Máximo de pessoas que integram aquele segmento																									
Não exige exclusividade na negociação de recursos																									
Não participa da linha de montagem final																									
Necessidade grupo de pessoas autônomas																									
Principais fornecedores ao lado da linha de montagem																									
Produção industrial, logística, transporte e armazenamento																									
Realização de trabalhos conjuntos																									
Rede de organizações/ cooperação																									
Redução de custos																									
Relação mútua entre empresa, fornecedor e investidor																									
Sociedade de pessoas que tem objetivo em comum																									
Terceirização de serviços																									
Um modo de organizar pessoas																									
Uma empresa com a intenção de utilizar os serviços econômicos por ela proporcionados																									
Vantagem competitiva																									

LEGENDA:

Cadeias de Suprimentos
 Cooperativas
 Consórcio Modular
 Condomínio Industrial

1 - Aparecida e Floriano (2006); 2 - Ballou (2006); 3 - Castro (2006); 4 - Kuba, Silva e Lima (2006); 5 - Monteiro (2006); 6 - Rachid et al (2006); 7 - Stadute et al. (2006); 8 - Bueno, Vendrametto e Alisanic (2007); 9 - Button (2007); 10 - Guerrini (2007); 11 - Magalhães (2007); 12 - Marchese (2007); 13 - Novaes (2007); 14 - Pires e Cardoza (2007); 15 - Rodrigues e Sellitto (2007); 16 - Santos et al. (2007); 17 - Resende et al. (2008); 18 - Strieder (2008); 19 - Bandeira, Mello e Maçada (2009); 20 - Consoli (2009); 21 - Franco (2009); 22 - Guarnieri, Hatakeyama e Resende (2009); 23 - Pires e Marques (2009); 24 - Simchi-Levi, Kaminsky e Simchi-Levi (2009)

Fonte: Elaboração própria (2016)

Quadro 9 – Continuação Sumarização das Definições Apresentadas: Cadeias de Suprimentos, Cooperativas, Consórcio Modular e Condomínio Industrial

Características	Autores	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
Ciclo de construção ou compra de componentes																									
Colisão de interesses																									
Compartilham responsabilidades e os custos envolvidos																									
Compartilhamento de riscos																									
Conjunto de atividades																									
Dependência entre as empresas																									
Empresa formada por uma associação de pessoas																									
Esquema just in time ou just in time sequenciado																									
Formas organizacionais específicas																									
Integração de processos																									
Intermediação de mercado																									
Maior poder de barganha de mercado																									
Máximo de pessoas que integram aquele segmento																									
Não exige exclusividade na negociação de recursos																									
Não participa da linha de montagem final																									
Necessidade grupo de pessoas autônomas																									
Principais fornecedores ao lado da linha de montagem																									
Produção industrial, logística, transporte e armazenamento																									
Realização de trabalhos conjuntos																									
Rede de organizações/ cooperação																									
Redução de custos																									
Relação mútua entre empresa, fornecedor e investidor																									
Sociedade de pessoas que tem objetivo em comum																									
Terceirização de serviços																									
Um modo de organizar pessoas																									
Uma empresa com a intenção de utilizar os serviços econômicos por ela proporcionados																									
Vantagem competitiva																									

LEGENDA:

■ Cadeias de Suprimentos
 ■ Cooperativas
 ■ Consórcio Modular
 ■ Condomínio Industrial

25 - Casarotto Filho (2010); 26 - Christofer (2010); 27 - Guarnieri e Hatakeyama (2010); 28 - Pires e Sacomano Neto (2010); 29 - Venanzi e Silva (2010); 30 - Finatti (2011); 31 - Lencioni (2011); 32 - Martins e Laugeni (2011); 33 - Mattos (2011); 34 - Santos e Enrollini (2011); 35 - Buller (2012); 36 - Lima (2012); 37 - Costa (2013); 38 - Mendes (2014); 39 - Sousa et al. (2014); 40 - Bassani (2015); 41 - Carnevali et al. (2015); 42 - Costa et al. (2015); 43 - Schuntzemberger et al. (2015); 44 - Silva (2015); 45 - Aguiar (2016); 46 - Akahoshi e Binotto (2016); 47 - Bisloskorski Neto (2016); 48 - Dácio (2016).

Fonte: Elaboração própria (2016)

Quadro 9 – Continuação da Sumarização das Definições Apresentadas APL, Cluster, Rede de Empresas e Cadeias Produtivas

Características	Autores	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
Abrange da matéria-prima ao consumidor																									
Ação conjunta de empresas em um setor																									
Acordos podem ser criados formais e informais																									
Aglomeração/ Concentração geográfica de empresas																									
Compartilhamento de conhecimento e informações																									
Em buscas de vantagens de setor																									
Empresas com objetivos em comum																									
Envolvem concentração de <u>PME's</u> e <u>MPE's</u>																									
Formado por firmas ou empresas																									
Identificar parceiros e criar alianças estratégicas																									
Interação de empresas com o mesmo objetivo																									
Mesma especialização produtiva																									
Operações produtivas sucessivas																									
Poder de barganha																									
Possibilita abertura para inovações																									
Proporcionam aprendizagem e inovação																									
Proporcionam desenvolvimento local																									
Redes de cooperação																									
Unificar gestão para evitar conflito																									
Valor agregado durante as etapas																									
Vantagens estratégicas/ Vantagem competitiva																									

LEGENDA:

■ APL ■ Cluster ■ Rede de Empresas ■ Cadeias Produtivas

25 - Witzmann, et al. (2008); 26 - Zaccarelli (2008); 27 - Escobedo e Salitto (2009); 28 - Silva, Rodrigues e Pinheiro (2009); 29 - Araújo (2010); 30 - Lacay e Favet (2010); 31 - Martins, De Souza e Maia (2010); 32 - Usiminas (2010); 33 - Cabral (2011); 34 - Centro De Gestão e Estudos Estratégicos (2011); 35 - ONG Relatório Brasil (2011); 36 - Sebrae (2011); 37 - Sugabara e Vergueiro (2011); 38 - Martins (2012); 39 - Quant (2012); 40 - Silveira et al. (2012); 41 - Gaspar et al. (2013); 42 - Gonçalves (2013); 43 - Inham, et al. (2013); 44 - Santos e Filho (2013); 45 - Filho e Moura (2014); 46 - Santana e Marques (2014); 47 - Sebrae (2014); 48 - Teixeira et al. (2014).

Fonte: Elaboração própria (2016).

O Quadro 9 mostrou que cada um dos Arranjos possui algumas características que são bem marcantes para cada caso e que definem, de maneira geral, o real significado do Arranjo.

4.1 ANÁLISE DAS DEFINIÇÕES DE APL, CLUSTER, REDE DE EMPRESAS, CADEIAS PRODUTIVAS, CADEIAS DE SUPRIMENTOS, COOPERATIVAS, CONSÓRCIO MODULAR E CONDOMÍNIO INDUSTRIAL

De acordo com as 12 (doze) definições apresentadas no Quadro 1 sobre APL, pode se dizer que, Arranjos Produtivos Locais (APLs) são aglomerações ou rede de empresas similares ou interdependentes localizadas em um mesmo território, favorecidas por políticas e ações dos poderes públicos, privados, instituições de pesquisa e centros de tecnologia que estabelecem estratégias competitivas precisas, desenvolvimento econômico de negócios preparando para a competitividade, promovendo ainda o aumento da produtividade das empresas.

Pode-se dizer que um conceito central para cluster é um aglomerado ou conjunto de objetos que juntos, formam um sistema com determinada função grupal. O quadro de definições de clusters mostra uma diferença de conceitos devidos aos tipos de artigos escolhidos e seus temas. Sendo que seus autores tem características equivalentes encontradas nas definições sobre o conceito. Rede de

Empresas significa a união de organizações empresariais que visam fundir conhecimento e força competitiva para juntos perpetuar no mercado e aumentar sua lucratividade.

Percebe-se que as definições sobre Cadeias Produtivas, seguem uma mesma linha de raciocínio, com base nessas definições pode-se dizer que Cadeia Produtiva é um conjunto de etapas consecutivas, que são responsáveis por qualquer tipo de transformação que o insumo venha a ter, desde a matéria prima até o produto final. Essas etapas são realizadas por várias unidades que se interligam e formam uma espécie de corrente, que vai desde a extração da matéria prima até a comercialização do produto final. Cadeia de Suprimentos é um arranjo rede de sistemas de produção e distribuição de organizações conectadas a jusante e a montante de uma empresa, englobando todos os estágios (clientes, varejistas, distribuidores, fabricantes e fornecedores) envolvidos, direta ou indiretamente, no atendimento de um pedido ao cliente, em processos e atividades que compreende desde a extração da matéria-prima, passando pelas transformações e encerrando-se na entrega do produto aos clientes finais. Cadeias Produtivas são grupos de pessoas com o mesmo interesse que se unem para ganhar mais representatividade no meio que se encontram. As definições de Consórcio Modular são bastante parecidas e possuem vários pontos em comum. Então de forma geral pode-se dizer que Consórcio Modular é um sistema que consiste em uma parceria entre empresa e fornecedores, nessa os riscos e os investimentos são compartilhados. No consórcio modular, os fornecedores de primeiro nível e a montadora operam sob um mesmo edifício, e toda a montagem do veículo é realizada pelos fornecedores - ou "parceiros". A montadora não possui mão-de-obra direta e os investimentos são compartilhados. Condomínio industrial é uma aglomeração de fornecedores envoltos a uma linha de montagem no processo produtivo, logístico e dearmazenamento”.

5 CONCLUSÃO

Analisando os quadros presentes no trabalho, pode-se observar que para vários autores os Arranjos possuem definições parecidas, tendo algumas características em comum. Apesar de alguns autores possuírem uma definição bem própria e não ser tão semelhante aos outros.

É necessário observar bem as empresas a serem estudadas, para que o Arranjo ideal seja aplicado de acordo com suas especificações e necessidades, de maneira a tornar a empresa bem mais competitiva e lucrativa.

REFERÊNCIAS

AKAHOSHI, Wesley Batista and BINOTTO, Erlaine. Cooperativas e capital social: caso da Copasul, Mato Grosso do Sul. *Gest. Prod.* [online]. 2016, vol.23, n.1, pp.104- 117.

ALVARENGA, Fabiano Vieira. **Uma proposta de aplicação para a solução do problema da árvore geradora de custo mínimo com agrupamentos utilizando Cluster em Linux.** Monografia. Universidade Federal de Lavra: 2007.

APL ARRANJO PRODUTIVO LOCAL: SÉRIE EMPREENDIMENTOS COLETIVOS. Brasília: Sebrae, 2014.

ARICA, José. SOUZA, Sebastião Décio Coimbra. Mudança tecnológica e estratificação competitiva em um arranjo produtivo do setor ceramista. *Produção*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.88-99, 2006. Jan./abr.

ARIEIRA, J.O. **Avaliação de relacionamentos em redes de empresas:** um estudo do agronegócio na região da Amerios – PR. 2010. 191p. Tese (Doutorado em Engenharia de produção) – Universidade Paulista, São Paulo, 2010.

BASSANI. I. D. C.; Dinâmica Imobiliária recente no Município de Serra-ES: Análise Dos Condomínios Industriais. In: XIV SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA-SIMPURB. Anais..., 2015.

BEM, Judite Sanson de; GIACOMINI, Nelci Maria Richter and WAISMANN, Moisés. **Utilização da técnica da análise de clusters ao emprego da indústria criativa entre 2000 e 2010: estudo da Região do Consinos, RS.** Porto Alegre, 2015.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. Um ensaio sobre desempenho econômico e participação em cooperativas agropecuárias. *Rev. Econ. Sociol. Rural* [online]. 2007, vol.45, n.1

BNDES. Arranjos Produtivos Locais e Desenvolvimento. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl.pdf. Acesso em 24 de Agosto de 2016.

BORTOLASO. I. V.; SELLITTO. M. A.; Vantagens competitivas observadas em uma rede de cooperação para comercialização de artigos esportivos. GEPROS. GESTÃO DA PRODUÇÃO, OPERAÇÕES E SISTEMAS – Ano 4, nº 2, Abr-Jun/2009, p. 37-48

BUENO, Marcos José Corrêa; VENDRAMETTO, Oduvaldo; ALISANCIC, Alexandre. O consórcio modular como fator de competitividade: um estudo de caso na Volkswagen Resende e São Bernardo do Campo. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2007.

BUTTON, Sérgio Tonini. **Sistema modular de manufatura**. Disponível em:

<<http://www.fem.unicamp.br/~sergio1/graduacao/EM335/Temas/Sistemamodular/modular.htm>>

. Acesso em: 19 set. 2016.

CABRAL, C. DE O.; A Estratégia das Redes Empresariais e Alianças da Microsoft. REVISTA ELETRÔNICA NOVO ENFOQUE, ano 2011, v. 13, n. 13, p. 13 – 28.

CARNEVALLI. J.; SOUZA. J. E. R.; BENEDICTO. S. C.; SALERNO. M. S.;

MIGUEL, P.A. C. Modulidade em montadoras de automóveis: uma análise sob a ótica da estratégia. Produção Online, Florianópolis, SC, v.15, n. 2, p.433-457, abr./jun. 2015

CASTRO, Ednaldo Quirino. CONSÓRCIO MODULAR E CONDOMÍNIO

INDUSTRIAL. **Revista Intellectus**, v. 16, p.152-164, 2006.

COSTA, Bianca Aparecida Lima; AMORIM JUNIOR, Paulo Cesar Gomes and SILVA, Marcio Gomes da. As Cooperativas de Agricultura Familiar e o Mercado de Compras Governamentais em Minas Gerais. Rev. Econ. Sociol. Rural.

CUNHA, SieglindeKindl da and CUNHA, João Carlos da. **Competitividade e sustentabilidade de um cluster de turismo: uma proposta de modelo sistêmico de medida do impacto do turismo no desenvolvimento local**. Rev. adm. contemp. [online]. 2005, vol.9, n.spe2, pp.63-79. ISSN 1982-7849.

DÉCIO, Paulo. **Modelando O Consórcio Modular**. Disponível em:

<<http://www.rhportal.com.br/artigos-rh/modelando-o-consrcio-modular/>>. Acesso em: 22 set. 2016.

Elza Maria Santos I, Flávia Almeida Firmino II, Leliane Barros Peixoto III, Leônidas Fidelis da Silva IV. **CONFIGURAÇÃO DO AMBIENTE COOPERATIVISTA:**

COOPERATIVAS DE CRÉDITO. Belo Horizonte, 2007. Faculdade Novos Horizontes.

FERNANDES, Ana Cristina and LIMA, João Policarpo R.. **Cluster de serviços: contribuições conceituais com base em evidências do pólo médico do Recife**. Nova econ. [online]. 2006, vol.16, n.1, pp.11-47. ISSN 0103-6351.

FERREIRA, A. A.; OLIVA, F. L. Formação de redes para o desenvolvimento tecnológico: uma experiência com empresas de base tecnológica. In: BOAVENTURA, João Maurício Gama (Org.). Rede de negócios: tópicos em estratégia. São Paulo: Saint Paul, 2006. p. 293-311.

FINATTI, R. Condomínios Empresariais nas Áreas Metropolitanas do Estado de São Paulo: Produção Imobiliária e Localização da Indústria. São Paulo 2011. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade de São Paulo - USP.

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos and NORMANHA FILHO, Miguel Arantes. **Um fator de desenvolvimento de clusters no Brasil: a educação profissional**. Cad. EBAPE.BR [online]. 2007, vol.5, n.1,pp.01-16.

FRANCO, Angela. Em tempos globais, um “novo” local: a Ford na Bahia. Caderno CRH. Salvador, v. 22, n. 56, p. 359-380, 2009.

FUINI, Lucas Labigalini. ESTUDO DO MERCADO DE TRABALHO EM ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL): TERRITÓRIO E PRODUÇÃO CERÂMICA EM SANTA GERTRUDES/SP. Sociedade&Natureza, Uberlândia, v. 20, n. 1, p.75-85, jun. 2008.

GASPAR. A. G.; BORGATO, F.; LIMA. I. C. DE.; Estratégia de atuação em rede de negócios: estudo de caso no pequeno varejo de alimentos. REVISTA DA MICRO E PEQUENA EMPRESA, Campo Limpo Paulista, v.7, n.1, p.3-16, 2013 (Jan/Abr).

GEROLAMO, M. C. **Gestão de desempenho em clusters e redes regionais de cooperação de pequenas e médias empresas: Estudos de casos brasileiros e alemães e proposta de um modelo de análise.** 2007. 227p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. 2007.

GEROLAMO, Mateus Cecílio; CARPINETTI, Luiz César Ribeiro; FLESCHUTZ, Timo and SELIGER, Günther. **Clusters e redes de cooperação de pequenas e médias empresas: observatório europeu, caso alemão e contribuições a casos brasileiros.** Gest. Prod. [online]. 2008, vol.15, n.2, pp.351-365.

GONÇALVES, Anderson Tiago Peixoto; LEITE, Maria Silene Alexandre; DA SILVA, Ricardo Moreira. Um estudo preliminar sobre as definições e as diferenças dos principais tipos de arranjos empresariais. **Revista Produção Online**, v. 12, n. 3, p. 827- 854, 2012.

Altos Estudos Ugt/brasil, 2013.

GUARNIERI, P.; HATAKEYAMA, K.; RESENDE, L. M. Estudo de caso de um

condomínio industrial na indústria automobilística: caso GM Gravataí. *Rev. Produção Online*, v. 9, n. 1, 2009

GUERRINI, F.M.; CALIA, R.C.; GILNEI, L.M. Innovation networks: From technological development to business model reconfiguration. **Technovation**, v. 27, p. 426-432, 2007.

HOFFMANN, V. E.; MORALES F. X. M.; FERNÁNDEZ M. T. M.- Redes de empresas: proposta de uma tipologia para classificação aplicada na indústria de cerâmica de revestimento. *REVISTA ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA* vol.11 no.spel.Curitiba.2007.

INHAN, Ligia; FERREIRA, João; MARQUES, Carla and REBELO, João. **Paradoxo de inovação no cluster do vinho: o caso da região demarcada do Douro**. *Rev. adm.empres.* [online]. 2013, vol.53, n.3, pp.256-271. ISSN 0034-7590.

KUBO, Pablo Yugo Yoshiura; SILVA, Cristiano Cândido; LIMA, Rafael de Paiva. Consórcio modular Volkswagen caminhões ônibus, decisão estratégica de sucesso. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, Rio de Janeiro, 2006.

L, Rosi. **CONSÓRCIO MODULAR DA VOLKSWAGEN**. 2012. Disponível em:

<<http://rosanit.blogspot.com.br/2012/10/consorcio-modular-da-volkswagen.html>>. Acesso em: 19 set. 2016.

LACAY, Marino Castillo. Cadeia Produtiva do Turismo: Resumo dos Resultados do Estudo da Região Turística do Litoral do Paraná – Brasil. **Semintur**, Caxias do Sul/RS, jul. 2010.

LEITE, M. S. A.; BRITO, A. M.; OLIVEIRA, J. B. Proposta de um framework com traços distintivos como base para a implantação de sistemas de gestão de custos: aplicação teórica nos formatos organizacionais estabelecidos na região do semiárido. *GEPROS - Gestão da Produção, Operações e Sistemas* – v.4, n. 1, jan./mar. 2009, p. 117-132.

LENCIONI, S. Condomínios industriais: um novo nicho dos negócios imobiliários. Artigo do livro: Negócios imobiliários e transformação sócio-territoriais em cidades da América Latina. FAU USP, 2011. São Paulo.

LIMA, Rafael de Oliveira. **COOPERATIVISMO POPULAR COMO REDUTOR DAS DESIGUALDADES SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO DA COOPCAP.**

Natal, 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN

MAGALHÃES, Joilson João Lage de. **O emprego do custo meta em uma estrutura de consórcio modular: Um estudo multicaso para os sistemas do consórcio modular da FORD de Camaçari/BA.** 2007. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Marchese, A. **ADMINISTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO: ESTUDO DE CASO.** Brasília, Monografia 2006. FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS –FASA.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.

MARTINS, M DE F. Cooperação e Competitividade numa Rede de Empresas em Campina Grande- PB: Os Desafios para consolidar uma marca com conceito Sustentável ,QUALIT@S REVISTA ELETRÔNICA, ISSN 1677 4280 Vol.13. No 1 (2012).

MARTINS, M DE F. COOPERAÇÃO E COMPETITIVIDADE NUMA REDE DE EMPRESAS EM CAMPINA GRANDE-PB: OS DESAFIOS PARA CONSOLIDAR UMA MARCA COM CONCEITO SUSTENTÁVEL ,Revista Eletrônica, ISSN 1677 4280 Vol.13. No 1 (2012)

Martins, T. C. De Souza, S. C. I. Maia, K. IMPORTÂNCIA DOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APLs) DE CONFECÇÕES DO NORTE E NOROESTE DO PARANÁ PARA O MERCADO DE TRABALHO LOCAL. p. 1-20,2010.

MATTOS, SMCS. Arranjos produtivos locais como estratégia para o desenvolvimento local: o caso de Maracás. **Sitientibus. Feira de Santana**, n. 39, p.131-167.

MENDES, A.A. Condomínios industriais e empresariais no Brasil. A indústria automobilística e os novos espaços produtivos em Campinas (SP). Finisterra no.97 Lisboa maio 2014

MONTEIRO, Rogério. **Consórcio Modular**. Universidade São Judas Tadeu, 2006.

NEGRINI. F.; WITTMANN. M. L.; BATTISTELLA. L. F. Análise da competitividade de uma rede de empresas do setor moveleiro do Estado do Rio Grande do Sul. REDES- REVISTA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 2, p.127-144 mai./ago. 2007

OUSA, Diego Neves de; AMODEO, Nora Beatriz Presno; MACEDO, Alex dos Santos and MILAGRES, Cleiton Silva Ferreira. A comunicação na articulação agroindustrial entre uma cooperativa central, suas cooperativas singulares e cooperados. Brasília, 2014

. Revista Economia e Sociologia Rural.

PEREIRA, Hernane Borges de Barros; FREITAS, Mario Cezar; SAMPAIO, Renelson Ribeiro. Fluxos de informações e conhecimentos para inovações no arranjo produtivo local de confecções em Salvador, Bahia. Datagram zero: Revista de Ciência da Informação, Salvador, v. 8, n. 4, p.1-20, ago. 2007. Mensal.

PIRES, L. M.; MARQUES, M. J. Condomínio industrial e consorcio modular – gerenciamento de alianças logísticas e estratégicas na busca de fatores competitivos. 56 p. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção) - Faculdade Pitágoras, Ipatinga - MG, 2009

PIRES, S. R. I.; SACOMANO NETO, M. Características estruturais, relacionais e gerenciais na cadeia de suprimentos de um condomínio industrial na indústria automobilística. Revista Produção, v. 20, n. 2, p. 172-185, abr./jun. 2010.

PIRES, S.; CARDOZA, G. A study of new supply chain management practices in the Brazilian and Spanish auto industries. International Journal of Automotive Technology and Management, v. 7, n. 1, p. 72-87, 2007.

PITANGA, Marcos. **Construindo Supercomputadores com Linux**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Brasport Livros e Multimídia Ltda: 2008.

QUANDT, Carlos Olavo. REDES DE COOPERAÇÃO E INOVAÇÃO LOCALIZADA: ESTUDO DE CASO DE UM ARRANJO PRODUTIVO LOCAL. Rai – Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 141-166, 2012. Jan./mar.

RESENDE, Alexandre Pimentel de et al. CONSÓRCIO MODULAR: O NOVO PARADIGMA DO MODELO DE PRODUÇÃO. Curitiba-PR, 2008.

ROMERO, E. **Desenvolvimento de Clusters na visão do conhecimento: proposta do modelo PRUGI de análise: oportunidades para o norte do estado do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. COPPE / UFRJ. Rio de Janeiro. 2006

Santana, J. Marques, D. PROGRAMA ESTADUAL DE FOMENTO AOS ARRANJOS

PRODUTIVOS LOCAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO. boletim regional, urbano e ambiental, p. 103-107, 2014.

SANTOS, H. N., FILHO, E. R. Processos de produção e trabalho no Arranjo Produtivo Local calçadista de Nova Serrana. GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas, Bauru, Ano 8, nº 2, abr-jun/2013, p.55-65.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. **Sobrecooperação e cooperativasmassentamentos rurais**. Porto alegre, 2006. Universidade Federal de São Carlos.

SILVA, Ione Guilherme Pereira da; RODRIGUES, Danielle Fernandes; PINHEIRO, Nadja Valéria. CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO CIVIL: UMA ANÁLISE SOBRE A SUSTENTABILIDADE. **Xi Encontro de Iniciação à Docência**, UFPB, 2009.

SILVA. G. G. S.; Indústrias e Segurança Ambiental no Município de Maracanaú- CE. Dissertação (mestradoacadêmicoem Geografia)- Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2015.

SILVEIRA. M. A. P.; FARINA. M. C.; Análise de Redes Sociais como ferramenta que contribui para a melhoria das relações entre empresas participantes de um APL de eventos. In: REDES-REVISTA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, p. 33 – 54, jan/abr 2012

STADUTO, Jefferson A. R.; ROCHA JR, Weimar F. and BITENCOURT, Mayra B. Contratos no mercado de trabalho agrícola: o caso das cooperativas de trabalhadores rurais. Brasília, 2006, Revista economia e sociologia geral.

STRIEDER, P.J. **O SISTEMA COOPERATIVISTA EM UM OLHAR ANTROPOLÓGICO**. São Paulo, 2008. FAC.

SUGAHARA, Cibele Roberta, VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Redes sociais: um olhar sobre a dinâmica da informação na rede (APL) Arranjo Produtivo Local Têxtil, de Americana – São Paulo. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, 2011, vol. 34, no. 2, p. 177-186.

TEIXEIRA, Fátima Regina; MAYR, Luiz Roberto; PAISANA, António Viera e VIEIRA, Filipa Dionísio. Escolhas metodológicas em investigação científica: aplicação da abordagem de Saunders no estudo da influência da cultura na competitividade de clusters. *RISTI [online]*. 2014, n. spe2, pp.85-98. ISSN 1646-9895.

USIMINAS. Diagnóstico da Cadeia Produtiva de Petróleo e Gás – P&G. **Segmento Industrial**, out. 2010.

VENANZI, D.; SILVA, O. R. Arranjos de condomínio industrial e consórcio modular na indústria automobilística brasileira: uma análise de múltiplos casos. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS – SIMPOI. Anais..., 2010.

VERSCHOORE. J. R.; BALESTRIN. A.; Ganhos competitivos das empresas em redes de cooperação. *REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO ELETRÔNICA*, São Paulo, v.1, n.1, art.2, jan./jun.2008

VIDIGAL, Vinícius Gonçalves; VIGNANDI, Rafaella Stradiotto; DE CAMPOS, Antonio Carlos. EVOLUÇÃO DOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APL) DE CONFECÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ NOS ANOS 2000. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (RBERU)**, v. 8, n. 1, p. 54-76, 2014.

WITTMANN. M. L.; DOTTO. D. R.; WEGNER. D.; Redes de empresas: um estudo de redes de cooperação do Vale do Rio Pardo e Taquari no estado do Rio Grande do Sul. In: *REDES- REVISTA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL*, Santa Cruz do Sul,

v. 13, n. 1, p. 160 - 180, jan./abr. 2008.

YOSHIMITANAKA, Oswaldo et al. **Uso da análise de clusters como ferramenta de apoio à gestão no SUS**. Saude soc. [online]. 2015, vol.24, n.1, pp.34-45. ISSN 0104- 1290.